ANNO IX
NUMERO 197

A ARTE MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

PIANOS
A·BORD
COURONNEMENT
PARIS
DU 100.000me PIANO
TÉLÉPHONE
125-75
14 bis, Boulevard Poissonnière.

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual..... 3:000 pianos
Producção até hoje..... 113:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
Membro do Jury—Hors concours

A. HARTRODT

SÉDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa

Antuerpia — Porto — Lisboa

Londres — Porto — Lisboa

Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo**

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

LAMBERTINI

Pianos das principaes fabricas: — Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto, etc.

Musica dos principaes editores — Edições economicas — Aluguel de musica.

Instrumentos diversos, taes como Bandolins, Violinos, Flautas, Ocarinas, etc.

Praça dos Restauradores

ANNO IX — Lisboa, 6 de Março de 1907 — NUMERO 197

A ARTE MUSICAL

Revista publicada quinzenalmente

Redacção e administração — Praça dos Restauradores 43 A 49

Proprietario e director: Michel'angelo Lambertini — LISBOA — Editor: José Nicolau Pombo

Typ. do Annuario Commercial — C. da Gloria, 5

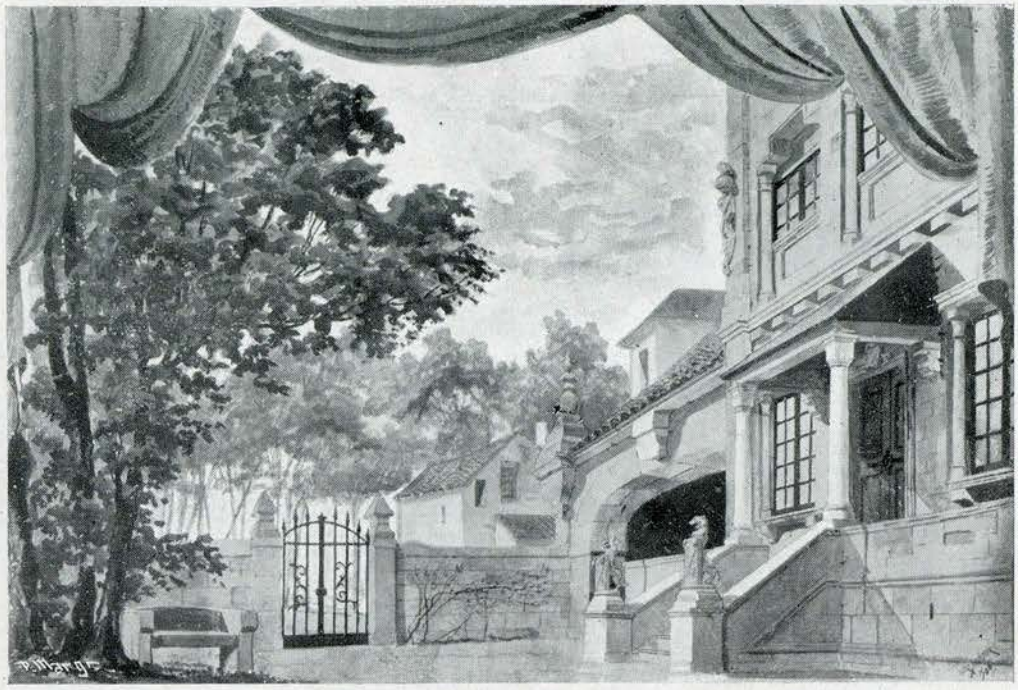
SUMMARIO: Amôr de Perdição — Post-scriptum — Noticiario — Caixa de soccorro a musicos pobres — Os Novos Guarda-Musicas.

JOÃO ARROYO

Amôr de perdição

Foi hontem pela primeira vez cantado em S. Carlos o *Amôr de perdição*, musica do ex.mo sr. conselheiro João Marcellino Arroyo e letra italiana de Francisco Braga, sendo o assunto do librêto extraído do notavel romance, com o mesmo titulo de *Amôr de perdição*, escrito pelo nosso famigerado e grande romancista Camillo Castello Branco.

João Arroyo é um talento previlegiado, com aptidões para ocupar um logar primacial em qualquer carreira a que tente dedicar-se. Para fazer a sua educação literaria e obter uma posição definida na sociedade matriculou-se em Coimbra na Faculdade de Direito. Seduziu-o a borla e capêlo de doutor, quiz sentar-se nas cadeiras de professor e todas essas honrarias em pouco tempo obteve. Fascinou-o a politica e tomou de assalto um dos primeiros logares entre os mais graduados marechaes do partido regenerador, envergando a breve trecho a farda de ministro, que poucos anos depois lhe foi adornada com os arminhos de par do reino. Lembrou-se de organizar um museu de objectos d'arte, de mobiliario antigo, e os salões da sua casa de habitação tornaram-se notaveis pela reunião das autenticas e verdadeiras preciosidades que nêles se encontravam. Quiz ser agricultor e as suas propriedades de Almoçagême são modelos em viticultura e vinicultura. Indole musical de raça, — porque pertence a uma familia de musicos, alguns dos quaes honraram a arte em Portugal, como seu pai José Francisco Arroyo, autor da opera *Bianca de Maulion*, que em 1864 foi cantada com muito sucesso no teatro de S. João, do Porto, e como seu tio João Emilio Arroyo, eximio flautista e professor do nosso Conservatorio — o conselheiro João Arroyo já nos seus tempos de estudante de Coimbra organizou e dirigiu o côro orfeonico academico, para o qual escreveu algumas composições, que lhe grangearam uma reputação de musico distinto.



SCENA DO ACTO I

Ha alguns mêses que os jornaes diarios principiaram a noticiar que João Arroyo escrevêra a musica d'um drama lirico, *Amôr de perdição*, e todos lhe prodigalizavam rasgados elogios. A *Arte Musical*, no seu numero de 15 de abril do proximo ano passado, publicou um artigo escrito pelo seu director e nosso presado amigo Michel'angelo Lambertini, em que com muita proficiencia descrevia as belezas e as impressões que lhe tinha deixado a audição da partitura, realizada em casa do autor e a que tinha tido a subida honra de assistir. A's considerações

de Lambertini pouco temos hoje que acrescentar.

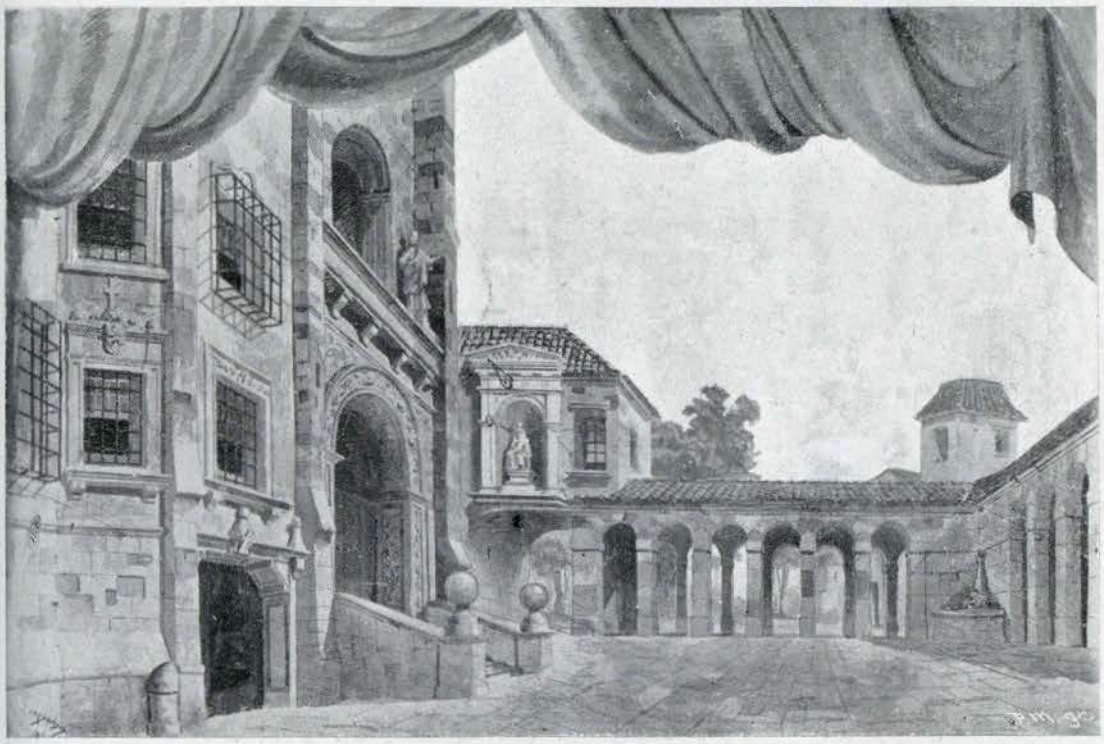
Não reproduziremos aqui o librêto, cujo assunto de todos os portuguêses é bem conhecido. Referir-nos-êmos em especial á musica.

O primeiro acto abre por um preludio, natural sintese do drama, em que se ouvem tres motivos ou têmas, que no decorrer das scenas frizam situações especiaes: são os motivos do amôr, da maldição e religiôso. Com um movimento lento os contrabaixos e violoncellos iniciam num pianissimo o têma do amôr, que em seguida passa para os violinos, encarregando-se os diferentes naipes de instrumentos de formar uma artificiosa trama, em que se casam todos os têmas numa sabia combinação. Nesta pagina musical dá João Arroyo uma exuberante prova dos seus notaveis conhecimentos de harmonia, contraponto e instrumentação.

Este preludio, pela sua impressionante contextura polifonica, pelo crescendo lento e gradual até atingir um cheio sonóro e vigorôso, decrescendo em seguida até terminar em pianissimo, é de grande efeito orquestral e levantou os espectadores num aplauso unanime, primeira consagração da noite ao seu autor e ao mestre director Luiz Mancinelli, que teve a amabilidade de o fazer repetir, satisfazendo assim ao desejo unanime do auditorio.

Patenteada a scena principia um côro madrigalesco, dialogado pelos diferentes grupos de senhoras e cavalheiros, que saem em turnos dos salões da casa solarenga de Thadeu d'Albuquerque e que se vão dirigindo para o jardim e para o bosque. A melodia deste côro e o seu comentario orquestral são despretenciosos, o que não sucede com a scena seguinte, constituida pela chegada de Balthasar Coutinho, morgado de Castro Daire, seguido de numeroso sequito. A narrativa que o morgado faz das causas da sua demora foi propositadamente comentada na orquestra com uns desenhos frivolos, que deixam a descoberto o caracter farfante do narrador. Esses comentarios mudam de estilo e de caracter no duêto entre Thadeu e o morgado, principalmente no ponto em que este segreda o seu odioso plano de assassinato contra o rival, tomando então a orquestra todo o seu predominio num vigoroso conjuncto que caracteriza a situação.

As frases melodicas do curto monologo de Simão traduzem bem a amargura que o atormenta ao ouvir os sons festivos das mu-



SCENA DO ACTO II

sicas de dança que veem das salas de Thadeu.

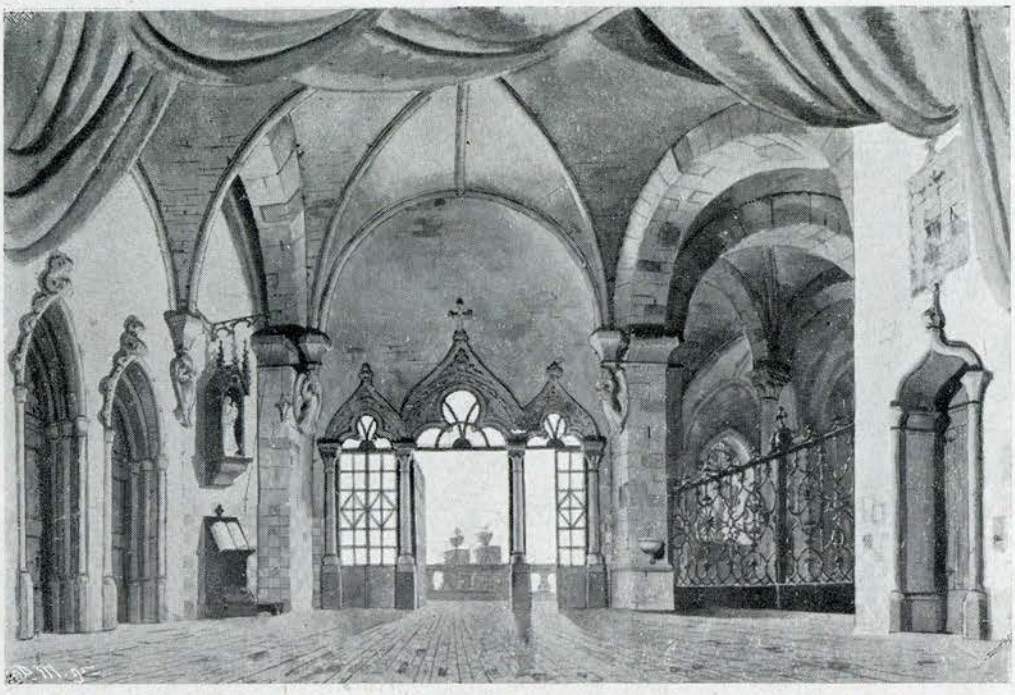
O duêto d'amôr entre Simão e Theresa, formado com melodia livre, conforme aos preceitos da escóla lirica moderna, é por certo a melhor pagina musical do primeiro acto e a frase da maldição lançada pelo baritono e vigorosamente secundada na orquestra fecham esta scena com um efeito de grande teatralidade.

No segundo acto realizam-se as festas do abadessado, *outeiro;* as sacras na egreja e as populares no terreiro do mosteiro de Vizeu, onde Theresa foi internada. Ha os costumados *mótes*, conceitos indicados pelas freiras e acto contínuo glosados pelos poetas que concorriam aos outeiros. Estas festas constituiam um dos mais interessantes torneios poeticos d'aquelles tempos.

A fabula da *cigarra e a formiga*, entoada em côro pelas mulheres do póvo e pelas creadas do convento, é d'uma concepção feliz e, pela sua simplicidade, d'um sabôr bucolico que encanta. Os bailados que se lhe seguem são muito caracteristicos e reproduzem tanto quanto possivel os costumes locaes; bailados um pouco modificados por um tom de modernismo, que lhes minora a impressão de monotonia que entre nós deviam produzir. O jôgo do ramo de flôres, realizado entre as duas primeiras bailarinas, é um passatempo que desperta algum interesse.

Para os bailados aproveitou magistralmente João Arroyo alguns motivos da musica popular do Minho, que com grande talento e superior concepção trabalhou na orquestra, sendo dois d'êsses numeros uma obra prima de factura.

Depois dos motes glosados, um pelo enfatuado Balthasar e outro pela dedicada Marianna, *travestita* de pastôr, que aproveita esse meio para indicar a Theresa que em breve será libertada por Simão, chegamos ao ponto culminante d'este acto: a chegada de Thadeu, que resolve retirar Theresa do mosteiro para a internar no convento de Monchique, do Porto, e o assassinato de Balthasar, a quem Simão crava um punhal no peito, tragico final de acto, lugubremente descrito na orquestra.



SCENA DO ACTO III

Esta scena dramatica é musicalmente traduzida por um concertante, vasado nos antigos moldes da escola italiana. A proposta da meio-soprano, melodia simples e patética, proseguida pela suplica da soprano e desenvolvida no seu conjunto pelos comentarios das restantes primeiras partes que formam o sextêto e pelo côro, dão ás vozes uma combinação de frases musicaes e uma grande variedade de expressão, perfeitamente de acôrdo com o sentir de cada uma das personagens constituintes do concertante, que

orquestralmente é sublinhado por uma instrumentação feita por mão de mestre. O efeito d'esta pagina foi um brado unanime de aplauso, uma entusiastica ovação a João Arroyo, a Mancinelli, um pedido instante da repetição do trecho, que teve de ser bizado. De todos os numeros aplaudidos, preludio e concertante foram os que tiveram a primasia.

O terceiro acto, que decorre na grande sála do mosteiro de Monchique, com balcão para o rio Douro, é essencialmente poetico e comovente. E' com certeza o acto em que ha mais unidade de pensamento e em que os grandes efeitos orquestraes tiveram menos aplicação. E' impressionante o côro religiôso, ouvido com as cortinas por descerrar, e o aspecto da sála, em que recostada a uma mesa nos aparece a infeliz e quase moribunda Theresa, velada pela imagem iluminada da Virgem.

A romança de Theresa, um gemer melodico em que as dolentes frases são espêlho d'aquêle acabrunhante desfazer d'uma miragem amorosa, que a infeliz não atingiu alcançar e que d'ali a poucos minutos verá deslizar sobre o rio Douro com destino ás torridas plagas africanas, é fechada por uma peroração orquestral, outra pagina de grande valôr, que prepara a entrada de Simão.

No duêto de amôr, entre Theresa e Simão, poz o sr. João Arroyo o melhor da sua inspiração melodica em frase musical livre, onde não ha regularidade nem quadratura de periodos. E' um duêto que obedece em tudo ás regras da orientação lirico-dramatica moderna. Ali não ha trivialidades. Até a instrumentação, na sua contextura modelar, retoma os motivos religiôso e de amôr, aquêle nos metaes e este no quartêto de corda, para os ligar num encadeamento crescente de sonoridade, acompanhado pelas vozes de soprano e tenôr, que firmam os mesmos motivos e os sustentam ate á cadencia perfeita final com que fecha este numero de musica.

O acto termina pelo côro religiôso e pela morte de Theresa, ao ver deslizar sobre o rio Douro a nau que conduz Simão ao degredo.

E' commovente e poetico o côro religiôso a casar-se com o dos marinheiros, que ainda continua a ouvir-se depois de cerrada a scena.

Não tentamos sequer descrever as calorosas ovações feitas ao conselheiro João Arroyo, nem apontar os brindes que lhe foram oferecidos ou o numero de chamadas ao proscenio. Isto consta por certo dos jornaes diarios. Tambem não apontamos quantas vezes Luiz Mancinelli, o notavel director da orquestra, que com o maior cuidado e esmero ensaiou o *Amôr de perdição*, teve de se levantar na sua cadeira de regente para agradecer os aplausos que lhe eram endereçados, ou se viu forçado a subir ao proscenio, quer só, quer acompanhado dos principaes artistas, ou pelos directores de scena, dos córos ou dos bailados.

A todos deve João Arroyo, e nós os por-

CECILIA GAGLIARDI

tuguêses em geral, o seu preito de homenagem e um agradecido aperto de mão, porque todos, unanimes em reconhecer o subido valor musical da partitura, envidaram os maiores esforços para que ella fosse posta em scena com todo o luzimento.

Ao empresario de S. Carlos, o sr. comendador José Pacini, são devidos os mais sinceros agradecimentos, porque a nada se poupou para ser agradavel a João Arroyo; e é digno de todo o louvôr o luxo de enscenação com que revestiu esta feliz manifestação de arte genuinamente portuguêsa.

Dos artistas cantantes que contribuiram para o bom desempenho do *Amôr de perdição* temos de especializar a meio-soprano sr.ª Torreta, o baritono Bonini, e muito em particular a Sr.ª Gagliardi, que foi uma Theresa gentil, compondo a personagem com verdadeiro esmero e cantando toda a musica com uma sobriedade de estilo, que bem mostra a justesa das apreciações que sempre d'éla aqui temos feito, considerando-a uma cantôra de subido valôr artistico.

Seriamos injustos se nesta ocasião, em que se trata d'uma partitura nacional, não tivessemos uma referencia para os artistas que compõem a orquestra e que com um bem limitado numero de ensaios conseguiram apresentar trabalho digno de elogio. E tanto mais nos apraz fazer esta referencia, quanto nos é agradavel vêr que na orquestra de S. Carlos alguns artistas portuguêses devem os primeiros logares que dignamente ocupam ao seu comprovado merito de executantes. Severo da Silva é um artista consideradissimo, a quem confiadamente se póde encarregar a execução do mais dificil solo de clarinête, como d'isso tem por muitas vezes dado exuberantes provas. Manuel Tavares deve o logar de primeiro trompa á maestria com que executou diferentes sólos nos concertos da *Sociedade de musica de camara*, e á facilidade com que por mais de uma vez, em S. Carlos, se substituiu na execução do sólo de trompa dos *Puritanos* ao artista estrangeiro que ocupava o primeiro logar. Do notavel director da banda da *Guarda municipal* Antonio G. da Cunha Taborda não é preciso encarecermos os meritos de primeiro trombone, porque todos lhe reconhecem e respeitam as aptidões de compositôr e solista. Daniel Lacueva é um professor no contrabaixo e um digno sucessor do velho Cunha e Silva, que nos tempos aureos em que um logar na orquestra de S. Carlos era disputado como verdadeira distinção, soube honrar a estante de primeiro contrabaixo.

E não sabemos explicar a razão por que não vemos a ocupar alguns primeiros logares artistas do valor de José Innocencio Pereira, professôr de instrumentos de palheta no Conservatorio, que está como segundo oboe e corne inglês; João Manuel, que em concertos publicos tem mostrado que no fagote para êle não ha segredos; José Henriques dos Santos, uma organização musical digna de particular aprêço e que é um notavel professor de flauta; e alguns outros, cujos nomes nos não ocorrem e que tão mal teem sido aquilatados, vendo nos primeiros logares artistas estrangeiros que lhes são inferiores em merito musical e custando mesmo a suportar as desafinações e as faltas de virtuosidade com que nos mimoseam, como mais d'uma vez tem sucedido com solistas que não desejamos agora indicar, mas que todos nós diariamente ouvimos e conhecemos.

Não é justo que se escriturem para S. Carlos artistas estrangeiros quando entre nós os ha em egualdade de circunstancias; quando o merito dos portuguêses é muito superior, a preferencia é um vexame.

*

Não queremos terminar esta noticia sem fazermos algumas considerações a respeito da partitura do *Amôr de perdição*.

O sr. conselheiro João Arroyo, na concepção musical do seu drama procurou obter originalidade de melodia e conferiu á polifonia orquestral as honras de comentar e descrever ambientes ou situações, de reforçar sentimentos que muitas vezes a voz humana mal tem fôrça para esboçar. Fugiu de tudo o que fosse uma vulgaridade, uma trivialidade. Esta ou aquéla vulgaridade ou trivialidade reservou-a propositadamente para situações muito especiaes, como a da entrada de Balthasar no 1.º acto ou a da apresentação dos motivos populares dos bailados. E ainda assim teve o cuidado de revestir essas banalidades melodicas com verdadeiras joias de primorosa instrumentação e com um rendilhado de combinações harmonicas que de todo as mascaram, dando-lhes um tom de esmerada civilização.

Nas situações que lhe pareceu precizarem de maior intensidade dramatica recorreu ás grandes sonoridades orquestraes. Serão muito apropriadas no dialogo do 1.º acto entre Thadeu e Balthasar, para salientar um plano homicida e tambem no duêto de amôr do mesmo acto? A superior inteligencia do *maestro compositôr* e a audição da sua partitura escrita no remanso d'um gabinete de estudo lhe terão já respondido.

Mas o sr. Arroyo, na concepção musical do seu drama, enveredou pelo mesmo cami-

nho trilhado pelos modernos compositôres franceses e italianos. Na generalidade repudiou a melodia italiana, a que se distingue pela regularidade e quadratura dos periodos. Adoptou a melodia livre, de forma alemã e mesmo nessa melodia procurou ser original.

Estamos de acôrdo.

O sr. conselheiro João Arroyo, na sua apresentação como compositôr de drama lirico, não quiz crear uma escola toda sua; não quiz ser um inovadôr. No entanto parece-nos que o concertante do segundo acto, se não foi da parte do laureado amadôr-compositôr uma tentativa de regresso aos processos antigos, como Verdi terminou por aconselhar—*voltai ao antigo e será um progresso*—foi pelo menos uma indicação segura para se orientar em qualquer novo trabalho musical a que se abalance. O sr. Arroyo teve hontem uma prova evidente de que os frequentadôres d'um teatro lirico, embora muito inteligentes e d'uma esmerada educação musical, apreciam e louvam as intrincadas combinações harmonicas, a polifonia descritiva, tudo enfim quanto prende a atenção e cencentra o espirito na decifração d'esses enigmas musicaes, mas só vibram de entusiasmo, só se levantam num delirio de ruidosos aplausos e no clamôr de unisonos *bravos*, quando a melodia facil, compreensivel e inspirada, seja de que escóla fôr, lhes desperta os intimos sentimentos do bello e as sensações emocionantes do que é nobre e sublime.

Muitas das partituras modernas que por ahi vemos constantemente na scena lirica só devem a sua benevola aceitação aos trechos realmente melodicos e empolgantes, que ficam no ouvido de todos. A *Boheme*, a *Fédora*, a *Tosca*, a *Cavalleria rusticana*, o *Werther*, a *Manon*, a *Sapho*, etc., são d'isto outros tantos exemplos.

Porque é que o drama lirico, a expressão dramatica musical, não ha de ter romanças, arias, duêtos ou tercêtos e concertantes, moldados na antiga escóla, em que haja melodia de inspiração espontanea, livre, italiana ou não, embora sublinhada orquestralmente por um trabalho que lhe dê caracteristicas de moderna? Que fez Verdi no *Otello*? E parece nos que o exemplo é digno de ser seguido. Como é bello ouvir trautear por toda a parte a romança de tenôr da *Tosca*—*E' lucevan le stelle*—, tal é a emocionante impressão que essa melodia de ritmos livres deixa no auditorio. Para que cortar a cada compasso uma melodia que na sua sequencia podia ser um poêma d'alma? Porque não deixar á inspiração do poeta-musico a liberdade de se manifestar em toda a amplitude do seu modo de sentir?

E' claro que de todas essas formas melodicas com o feitio de arias, cavatinas e romanças consideramos banidos os vocalizios, as cadencias, tudo quando são verdadeiras banalidades, que já não teem hoje quem as cante, que fizeram época, que foram a delicia dos nossos antepassados de cabeleira e rabicho, mas que hoje não teem razão de ser. Mas é uma dôr d'alma ver um talênto, um genio musical, agrilhoado pela sistematização lirica moderna, esmagando e triturando a propria inspiração melodica para a reduzir a uma pasta harmonica indecifravel, amâlgama de charadas formadas por acordes dissonantes, retardos e antecipações, com que o maestro-compositor faz um caustico de dissonancias que aplica ao cerebro dos *dilettanti*.

O sr. conselheiro João Arroyo, fazendo em S. Carlos a sua apresentação com a partitura *Amôr de perdição*, que é uma verdadeira surpresa de bôa e cuidada instrumentação, propria d'um mestre experimentado, revela-se-nos um genio musical. Foi solemne a sua consagração como maestro-compositôr. Tem o caminho desbravado e livre. Dispõi de talento, genio e envergadura artistica. Não lhe faltará por certo a inspiração melódica, que brotará facil e espontanea. Com taes elementos não lhe será dificil encontrar a verdadeira feição a dar ao drama lirico moderno. Temos a esperança de que numa outra partitura o veremos enveredar por caminho de mais largos horisontes, que por certo lhe abrirá as portas dos teatros liricos estrangeiros, onde o talento é sempre apreciado. Para os genios não ha a restrição das nacionalidades.

3 de março.

Esteves Lisboa.

Post-scriptum

A' 96.ª carta a uma senhora

Quer então que eu lhe diga qual a minha impressão sobre Arroyo musico; executar-me-hei, comquanto saiba, de antemão, que vou desagradar-lhe.

Mas, se me dá licença, começarei por lhe lembrar os tempos d'elle em Coimbra, n'essa formosa Coimbra feita de poesia e de sonho, e tendo sempre no ar a poeira luminosa que vem de centenas de corações novos e de milhares de olhos enamorados...

Era nas festas de Camões e aquelle que mais tarde havia de ser deputado, ministro,

par, limitava-se, para alegria de todos nós, a ser simplesmente um estudante, creio que laureado, e um amador musical intensamente apaixonado pela suprema arte que já fizera grandes os seus.

Arroyo organisara um orphéon, coisa por assim dizer virgem em Portugal, se pozermos de lado uma tentativa gorada do saudoso Frondoni, e a gente pôde ver, e o que é melhor, pôde applaudir, essa massa disciplinada de vozes frescas e juvenis cantando sob a batuta nervosa do seu regente algumas das mais bellas canções da nossa terra e entre ellas uma celebre: *Maria, a canôa virou, deixa-la virar,* que foi considerada um encanto.

Arroyo tivera a feliz inspiração de, com um naipe de cantores, procurar dar-nos o effeito das ondas do mar, ao passo que os outros naipes iam executando a canção e repetindo-a em diversos tons, e esse effeito foi positivamente avassalador... Ainda uma formosa *Ave Maria* não sei se d'elle proprio se de seu pae, os nossos ouvidos escutaram enlevados, e emfim póde affirmar-se que um dos numeros sensacionaes d'essas festas inolvidaveis que a Academia de Coimbra promoveu em commemoração do centenario camoneano, foi esse, se é que não devemos consideral-o o mais sensacional de todos...

Depois, annos passaram, a politica que na nossa terra tem *tocado* tantos caracteres e polluido tantas intelligencias, tambem illaqueou o estudante applaudido d'esses dias risonhos, e nós vemos Arroyo surgir-nos, representante do Terreiro do Paço em S. Bento, mais tarde ministro, na triste dictadura de 1890, e ainda outra vez deputado, outra vez ministro, por ultimo grande do reino; mas tudo isso para mim é como se não existisse, e voluntariamente quero esquecer esse periodo que varios disem ser de luz e que eu me obstino a conservar na sombra, porque prefiro recordar-me apenas do Arroyo temperamento de artista, vibrando francamente na, para isso, mais apropriada das artes.

Assim, esquecendo esse cyclo, volto agora a encontrar o Arroyo musico, e musico de tão real e tão pujante valor, que dando-nos no seu *Amor de Perdição* paginas d'uma factura elegante e sabia e espécimens de uma phantasia delicada e rica, ainda mais horror me faz ter pela tal negregada politiquice, que durante tão largo espaço roubou ao seu natural impulso e ao seu legitimo campo uma cerebração assim, capaz de ter tornado uma realidade palpavel e victoriosa a arte lyrica nacional, e de dotal-a com alguns *spartittos* não só technicamente perfeitos, mas estheticamente bellos e sobretudo visceralmente portugueses, dentro da tonalidade da nossa lingua e do particular sentir da nossa alma, e como taes, dignos, por isso mesmo, de terem uma existencia florida, até fóra dos ambitos estreitos das nossas fronteiras.

Não porque o *Amor de Perdição* seja talvez desde já uma obra prima, embora, em meu debil entender, com ligeiros retoques e ampliações n'uns pontos e porventura breves córtes n'outros pontos, podesse, possa vir a sel-o, mas porque com claresa nos demonstra haver sido escripta por um culto e privilegiado espirito, que sem a menor duvida é *alguem.*

Ah! que se o dom sagrado que o levou a inspirar-se na immortal novella de Camillo simultaneamente lhe insufflasse agora um definitivo desgosto pela logomachia politica e seus affluentes, e de vez lhe suggerisse a idéa salvadora e fecunda de se consagrar á arte que n'este momento lhe constella o nome de um vivaz fulgor, como nós bemdiriamos un tal momento, e como d'aqui a alguns annos, tudo isso — quem sabe! — em que aliás me asseguram que elle é inconfundivelmente grande, se lhe afiguraria miserrimamente pequeno e só uma nova modulação achada, um dolente rythmo descoberto e pelo seu cerebro fixado n'alguma soberba pagina lhe daria, melhor que a gloria um pouco mareada dos seus triumphos na arena de S. Bento, a consoladora e saudavel consagração vinda d'essa mais vasta arena que se chama o mundo, e onde as almas sedentas de ideal e de bellesa, apenas saudam os que as servem dando-lhes aspectos do primeiro atravez das scintillações da segunda...

O conselheiro João Arroyo brilhantemente provou que lograria conseguil-o; bastar-lhe-hia acaso deixar de ser conselheiro, com tudo o que tal titulo naturalmente acarreta, e voltar a ser simplesmente o estudante nervoso e enthusiasta d'outras eras. Assim, sem custo attingiria os pincaros divinos da Perfeição sonhada, pois decerto não deixaria de nisso empenhar a mesma vontade tenaz e lucida que o fez conforme tantos conclamam, um orador primacial e um polemista invencivel.

*

Por mim querida amiga, repito, preferiria applaudil-o só n'este especial dominio, — e embora V. Ex.ª, como todo o seu sexo, delire por uma tirada eloquente e tonitruante, palpita-me que sempre encontraria maneira de se commover perante um formoso e sen-

tido trecho, onde o talento do compositor pairasse, sempre bello e sempre puro, elevando-nos comsigo a essas elyseas regiões da eterna claridade onde a harmonia, flor da paz e da concordia, abre as petalas virentes e esparze sem descanço o seu pollen fecundante...

Affonso Vargas.

PORTUGAL

Vem a Lisboa a harpista e *chanteuse* Pia Carozzi, que deve dar alguns concertos no Colyseu dos Recreios.

*

Organisado por algumas senhoras da melhor sociedade conimbricense, realisou-se em 23 do mez passado n'aquella cidade uma brilhante festa em beneficio da *Creche de Coimbra.*

Para tomar parte n'ella, prestaram-se gentilmente a ir de Lisboa as eximias amadoras sr.as D. Sarah Motta V. Marques e D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, bem como o distincto flautista-amadôr, sr. dr. Ferreira Cardoso, e sua esposa a sr.a D. Luiza Pereira da Motta Cardoso, illustre pianista acompanhanhadora.

Com esses valiosos concertistas, coadjuvados por elementos locaes de incontestavel merecimento, effectuou-se uma festa de caridade, verdadeiramente encantadora, não só pelo excepcional conjuncto das individualidades artisticas, que n'ella se reuniam, mas tambem pelo fim altamente sympathico a que visava. Pena temos de não poder, por escassez de espaço, transcrever o lindo programma da festa.

Não resistimos porém ao prazer de recortar algumas linhas de um bello *compte rendu*, publicado em um dos mais antigos jornaes de Coimbra, *A Resistencia*, que mostra quanto foram apreciados os nossos amadores na cidade universitaria.

«A sr.a D. Elisa Baptista de Sousa não é um machinismo applicado a um piano; é uma alma d'artista, pensando ao piano. D'ahi a naturalidade, a claresa apparente da sua execução, a sua força emotiva dominadora, sempre ligada á execução das verdadeiras obras d'arte.»

.....

«A sr.a D. Sarah Motta Marques mostrou na escolha do programma e na fórma como o executou a justiça com que é qualificada na nossa sociedade elegante como a nossa primeira amadora de canto.

Amadora, não; uma verdadeira artista, conhecendo todos os segredos da sua arte, sabendo dizer, dar sentimento e expressão, sem as extravagancias, os italianismos de alteração da pronuncia das palavras, que lhe sahem sempre nitidas, com o accento proprio da lingua em que canta.»

.....

«O dr. Ferreira Cardoso foi o mesmo artista de sempre, artista unico, dominando absolutamente um instrumento ingrato.

Da sua flauta saem sons raros de força e doçura, de um timbre estranho.

Foi desde estudante o mesmo artista raro e singular que é hoje, e foi agora ouvido com a mesma religiosa attenção com que era escutado pelos rapazes do seu tempo.»

*

O maestro A. Taborda, segundo vimos em uma folha diaria, está apurando a sua opera *Dinah*, para ser representada brevemente no theatro D. Amelia.

*

Estiveram alguns dias em Lisboa os professores Bernardo Moreira de Sá, do Porto, e Antonio Simões de Carvalho, de Coimbra.

O primeiro veiu propositadamente á capital para ouvir o *Amor de Perdição* e offerecer a João Arroyo, em nome do *Orpheon Portuense*, uma esplendida corôa de louro.

*

Em honra da notavel pianista, sr.a D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso effectuaram-se em Coimbra dois banquetes, sendo um offerecido pelo dr. Guilhermino de Barros e outro pelos condes do Ameal.

*

No *Giornale d'Italia* e a proposito dos concertos realizados por Guilhermina Suggia n'aquelle paiz, vem um longo artigo que transcreveremos no proximo numero.

*

O critico musical do *Seculo* e nosso amigo Agostinho Franco, recebeu, em amavel autographo de Gustavo Charpentier,

um agradecimento ao desenvolvido artigo que n'aquella folha diaria foi publicado a proposito da *Louise*.

*

Encontra-se felizmente em via de restabelecimento o nosso illustre compositor Alfredo Keil, cuja saude tanto cuidado inspirou aos seus numerosos admiradores e amigos.

Felicitamo-l'o cordealmente.

*

Começamos no proximo numero a publicação de uma nova secção, que nos parece ser bastante interessante.

Trata-se de uma resenha de todas as edições novas de musica ou de literatura musical, que se forem publicando no nosso paiz, quer provenham das casas editoras, quer de simples particulares.

O simples envio de um exemplar á nossa redacção dá direito á menção da obra.

*

O extremo agrado que suscitou em muitos dos nossos leitores e assignantes o artiguinho sobre Franz Hals, enquadrando a reproducção de uma das obras primas do mestre, anima-nos a publicar todos os mezes (numero do fim do mez) outras reproducções de quadros celebres, com assumptos musicaes.

Isto, já se vê, com o precioso auxilio de *Guido*, que nem é o monge aretino cujo nome ficou perennemente vinculado á historia da musica, nem esse outro Guido, de apellido Reni, que a da pintura sagrou como um dos seus mais brilhantes meteoros.

O nosso *Guido* tem porém sobre esses homens celebres algumas vantagens e conhecedor profundo de qualquer das duas especialidades artisticas, que os immortalisaram, é dotado de uma modestia que elles com certeza não tinham...

*

Por um lapso que a nós proorios não sabemos explicar deixamos de mencionar a encantadora violinista D. Eugenia Crespo, quando no numero anterior nos referimos á explendida festa da *Sociedade de Concertos e Escola de Musica*.

Aqui nos penitenciamos d'essa falta, tanto mais que desejámos applaudil-a muito especialmente pela maneira distinctissima como tocou o solo do preludio do *Deluge*.

E falta confessada, dexe ser falta perdoada..

ESTRANGEIRO

O compositor Max Reger, de Munich, vae publicar uma fuga quadrupla para oito pianos, a quatro maos cada um, baseada sobre um simplicissimo thema — o fragmento chromatico *si, si bemol*.

Torniamo a l'antico?

*

Joseph e Jacques Thibaud, o pianista e violoncellista francezes de reputação mundial deram uma audição de quatro sonatas na sala Pleyel, com um exito extraordinario.

As sonatas escolhidas foram as de César Franck, Mozart (em *lá* maior), Gabriel Fauré e Jorge Enesco.

*

Em 20 de abril começa no Trocadero uma serie de concertos, organisados por Victor Charpentier, e em que serão postos gratuitamente á disposição do pubico 4.000 logares.

*

O notavel critico francez Arthur Pougin, redactor em chefe do *Menestrel*, vem publicando n'esta importante folha um estudo biographico sobre o harpista Nicolau Bochsa, considerado como ladrão, falsario e bigamo!

Não é felizmente muito vulgar, para honra da nossa classe, uma tal accumulação de *titulos* n'um artista só.

*

O museu municipal de Vienna comprou por 7.000 corôas uma deliciosa *sepia* de Moritz von Schwind, representando um serão em casa de Schubert.

Este reputado pintor occupou-se muito de Schubert; ha até d'elle uma collecção intitulada *Schubertiada*, em que são representadas muitas scenas da vida do mestre, levemente tocadas de um humorismo encantadôr.

*

O governo austriaco instituiu um premio de 1.000 corôas para o melhor alumno de composição do Conservatorio de Vienna.

Recebeu-o Henrique Shalik, auctor d'um quinteto, que dizem ser muito bello.

*

O compositor genovez Domenico Monleone escreveu e fez cantar em Amsterdam

uma *Cavalleria Rusticana*, que parece não ter feito má figura ao lado da sua homonyma de Mascagni.

Apesar de baseada sobre o mesmo drama da Verga, o enredo afasta-se um tanto do que nós conhecemos.

A nova peça dura cincoenta e dois minutos e abre com um prologo coral e symphonico.

*

A interessante collecção dos *Musicos Celebres* do editor Henri Laurens acaba de enriquecer-se com tres volumes novos: — *Chopin*, por Elie Poirée, *Weber*, por Georges Servières, e *Mozart*, por Camille Bellaigue.

*

Encontra se n'um hospital de Milão, reduzido á extrema miseria, o tenor Antonio Aramburo, que creou em tempos o *Guarany* e ganhou milhões na carreira lyrica.

*

Um novo *Benvenuto Cellini*, este agora do maestro Tubi, parece ter tido um exito bastante discutivel no theatro de Modena.

*

Vendeu-se ultimamente em Londres uma importante collecção de instrumentos classicos, que não attingiram comtudo os preços disparatados do costume.

Um Stradivarius de 1690, isto é do principio do periodo mais brilhante da carreira do celebre violeiro, não passou de 360 libras.

Eis a lista de algumas outras vendas effectuadas na mesma occasião.

Violino	Guadagnini (1754)....	120	libras
»	Pressenda	78	»
»	Gaglianus (1770)	70	»
»	P. Guarnerius.....	64	»
»	N. Gaglianus	50	»
»	Nicolau Amati	59	»
»	Rugger	52	»

E finalmente um violoncello de Vuillaume por 61 libras!

*

Eis o nome de algumas obras orchestraes que se estão tocando nos concertos de Paris. Alem das *symphonias* de Beethoven, que são de quasi todos os programmas, tem figurado o *Prélude à l'après midi d'un faune* de Dukas, *Les murmures de la forêt* do *Siegfried* de Wagner, *Schèhérazade* de Rimsky-Korsakow, o preludio do *Tristan*, a *Bourée fantastique* de Chabrier, a abertura das *Nozze di Figaro*, a *Symphonie pathétique* de Tschaïkowski, *Marche heroïque* de Saint-Saëns, etc.

*

O violinista preto Brindís de Palas esteve ha pouco em Madrid, executando o remendado repertorio do costume.

Por fortuna que se não lembrou de vir até cá!

Caixa de Soccorro a Musicos Pobres

POR INICIATIVA DA

ARTE MUSICAL

I — Acceitam-se quaesquer donativos ainda os mais insignificantes, por uma só vez.

II — A importancia total dos donativos é applicada á compra de titulos do governo, cujo rendimento será distribuido pelos artistas mais necessitados, que requeiram subsidio á administração da revista.

III — Será publicada na *Arte Musical* a lista dos subscriptores e quantia com que subscrevem.

IV — Na séde da administração da revista e mais tarde, nos estabelecimentos de musica, theatros, salas de concerto, etc. que o consintam, serão postos mealheiros especiaes para o mesmo fim.

V — Nas columnas da *Arte Musical* virá publicado annualmente um balanço promenorisado do movimento da Caixa.

Transporte.....	436$050
Titta Ruffo (Liras 25)	4$525
Importancia paga pelo sr. Timotheo da Silveira, pelo aluguel de cadeiras que para a *séance* de 17 de fevereiro foram cedidas pelo sr. Hemeterio Arantes.	4$000
Rita da Silveira (2.º donativo)..	10$000
Affonso Vargas.....	1$500
Cecilia Gagliardi (Liras 10).....	1$810
Piero Schiavazzi.....	5$000
Ricardo Pettinella	2$000
Vincenzo Lombardi.....	2$500
Segue.....	467$385

Os novos Guarda-Musicas

Eis aqui um objecto que de todo faltava no nosso mobiliario artistico.

Commodo, elegante e pratico.

Os antigos armarios para musica não passavam geralmente de uma estante *á bibelots*, obra de fancaria, barata e reles, que muito se ufanava da sua serventia artistica, junto ao piano das nossas elegantes.

Outros havia, com o aspecto de um *chiffonnier*, que pareciam distrahidos do seu verdadeiro logar, ao lado da cama da gentil proprietaria.

Ainda os havia, em forma de *cesto*, com divisões verticaes, onde só a musica encadernada tinha cabimento.

Tudo isso, de uma feitura mesquinha e de um gosto deploravel e horrendamente burguez.

O modelo creado agora pela casa Lambertini, tem, como primeira vantagem, a de não occupar espaço na sala ou gabinete onde está o piano; no forçado *encombrement* das casas modernas, tão exiguas, é um movel de menos com que estejamos topando a cada passo.

Occupa na parede, onde se suspende, o espaço de um pequeno quadro e a propria forma do objecto permitte que se adorne com um artistico *bibelot* ou se alegre com a frescura perfumada de duas rosas.

Colloca-se, é claro ao lado do piano e nada impede que para a construcção d'este elegante accessorio se obedeça ao estylo dominante no piano ou da mobilia que guarnece a sala, conciliando assim a harmonia tão justificadamente procurada nas decorações modernas.

Apesar de apparentar pouco volume, póde conter 120 peças de musica, medianamente espessura; tem por espaço muito mais do que o preciso para arrumação das peças de que qualquer pianista póde carecer diariamente, pois não devemos esquecer que se não trata de um archivo de musicas, mas simplesmente de uma estante para guardar as que andem em uso.

Por agora só estão expostos á venda tres modelos ou typos differentes de guarda-musicas; recommenda-se um d'elles pela engenhosa adaptação de uma estante para tocar rebeca, violoncello, etc., o que permitte conciliar em um só objecto, e por um custo minimo, duas applicações indispensaveis ao estudioso.

E já que fallamos em custo, devemos dizer que são resumidissimos os preços dos novos guarda-musicas — 4$000, 5$000 e 7$000 réis, conforme o modelo.

Acham-se á venda exclusivamente no deposito da casa Lambertini, praça dos Restauradores, 43 a 49—Lisboa.

BECHSTEIN

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico. — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
PARIS. — 334, RUE ST. HONORÉ.
LONDON W.—10, WIGMORE STREET.

LOUIS RHEAD

Lambertini

REPRESENTANTE
E
Unico depositario dos celebres pianos
DE
BECHSTEIN

43—P. dos Restauradores—49

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL
de F. Lopes
108, R. DE S. PAULO, 110—LISBOA

OSCAR BRANDSTETTER
LEIPZIG
Grandes officinas
de IMPRESSÃO DE MUSICA
em todos os generos
Typographia, Lithographia
Autographia
Composição mechanica
Machinas rotativas
Installações especiaes
para grandes
tiragens

Augusto d'Aquino

Rua dos Correeiros, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Asiahaus

Hamburgo, 8

AGENTES EM ..
Anvers — Joseph Spiero — *51, rue Waghemakere*
Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — *67, Grand Quai*
Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — *12, 14, rue d'Enghien*
Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — *Leadenhall Buildings, E.C.*
Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — *The Temple-Dale Street.*
New-York — Joseph Spiero — *11. Broadway.*

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986 — **End. tel. CARLASSEN — LISBOA**

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: —Londres, 1862 *(diploma d'honra);* Paris, 1867; Vienna, 1873 *(medalha de progresso, a maior distincção concedida);* Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz, professora de piano, *Rua do Jardim á Estrella, 12.*

Alberto Sarti, professor de canto, *Rua Castilho, 34, 2.º*

Alexandre Oliveira, professor de bandolim, *Rua da Fé, 48, 2.º*

Alexandre Rey Colaço, professor de piano, *R. N. de S. Francisco de Paula, 48*

Alfredo Mantua, professor de bandolim, *Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º*

Antonio Soller, professor de piano, *Rua Malmerendas, 32, PORTO.*

Candida Cilia, professora de musica, piano e harmonium, *L. de S.ta Barbara, 51, 5.º D.*

Carlos Gonçalves, professor de piano, *R. da Penha de França, 23, 4.º*

Carolina Palhares, professora de canto, *C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.*

Eduardo Nicolai, professor de violino, *informa-se na casa LAMBERTINI.*

Ernesto Vieira, *Rua de Santa Martha, A.*

Francisco Bahia, professor de piano, *R. Luiz de Camões, 71.*

Francisco Beneto, professor de violino, *Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.*

Guilhermina Callado, prof. de piano e bandolim, *R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.*

Irene Zuzarte, professora de piano, *Rua José Estevam, 17 r/c.*

Isolina Roque, professora de piano, *Travessa de S. José, 27, 1.º, E.*

Joaquim A. Martins Junior, professor de cornetim, *R. das Salgadeiras, 48, 1.º*

Joaquim F. Ferreira da Silva, prof. de violino, *Rua da Gloria, 51, 1.º, D.*

José Henrique dos Santos, prof. de violoncello, *T. do Moinho de Vento, 17, 2.º*

Julieta Hirsch, professora de canto, *R. Maria, 8, 2.º, D. (Bairro Andrade)*

Léon Jamet, professor de piano, orgão e canto, *Travessa de S. Marçal, 44, 2.º*

Lucila Moreira, professora de musica e piano, *T. do Salitre, 19, 1.º*

M.me Sanguinetti, professora de canto, *Largo do Conde Barão, 91, 4.º*

Manuel Gomes, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atafonas, 31, 3.º*

Marcos Garin, professor de piano, *C. da Estrella, 20, 3.º*

Maria Margarida Franco, professora de piano, *Rua Formosa, 17, 1.º*

Octavia Hansch, professora de piano, *Avenida de D. Amelia, M. L. r/c.*

Philomena Rocha, professora de piano, *Rua de S. Paulo, 29, 4.º, D.*

Rodrigo da Fonseca, professor de piano e harpa, *Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.*

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias	1$200
No Brazil (moeda forte)	1$800
Estrangeiro	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49—LISBOA